

OS ESPAÇOS E A MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

Maria Paula Marques Baptista Coelho Pais

Professora do 2º CEB no Agrupamento de Escolas do Bairro Padre Cruz – Carnide – Lisboa.
Doutoranda do Curso de Doutoramento em Ciências da Educação da Faculdade de Educação e
Psicologia (FEP) da Universidade Católica Portuguesa (UCP).
paula.pais@sapo.pt

Resumo

O espaço de leitura encerra em si mesmo um universo capaz de despertar a sensibilidade da criança e do jovem e de o motivar face ao processo de aprendizagem. Os diversos factores espaciais - lúdicos, gráficos, de musicalidade, de ritmo, de cadência - que o espaço de leitura físico oferece, desde muito cedo, a cada um de nós, fazem dele um campo privilegiado para o desenvolvimento da percepção do mundo. Partindo desse cadinho de experiências, a criança irá mergulhar na sua própria fantasia e reconstruir, a partir da percepção que tem desses dois campos, um universo só seu. No que se refere à apetência pela leitura, o próprio contacto com o espaço dos livros, constitui um constante apelo ao mundo dos sentidos, entrelaçando competências diversificadas e diferentes tipos de motivação. Poderemos facilmente compreender até que ponto, determinados aspectos, tais como a função lúdica do espaço, o jogo da cor e da luz, a musicalidade dos ecos, o trabalho com o som, a cadência e o ritmo são factores extremamente ricos para o campo sensorial e perceptivo da criança, valorizando assim os dados que se jogam em termos motivacionais.

A presente comunicação, pretende partilhar algumas conclusões e pistas de investigação que se consideram pertinentes, num estudo que se tem vindo a desenvolver ao longo dos últimos anos, em diferentes Agrupamentos de Escolas. Analisar a forma como se percebem os espaços escolares de leitura, observando a influência destes no comportamento escolar dos jovens; estudar os diferentes espaços de leitura enquanto espaços de interacção cultural e humana; observar estes espaços enquanto núcleos de rastreio de problemas emocionais nos jovens alunos e, finalmente, perceber a emergência de novos hábitos de vivência cultural do próprio espaço de escolar de leitura, contam-se entre os principais objectivos desta análise.

Optou-se por uma linha de pesquisa qualitativa, rastreando o conhecimento da realidade social respeitante à organização dos espaços, através dos significados que lhes são atribuídos pelos próprios sujeitos da pesquisa. Procurou analisar-se os aspectos implícitos ao desenvolvimento das práticas organizacionais do espaço de leitura, num processo de pesquisa delineado a partir da definição do tema e dos referenciais teóricos e metodológicos definidos para o estudo.

Iniciando-se com um exercício de observação participante de natureza exploratória, procurou aprofundar-se os diversos factores que envolvem o objecto do estudo em questão. Articularam-se as hipóteses formuladas com os conhecimentos anteriores, procedendo-se continuamente aos necessários ajustes, remodelações e avaliações ao longo da investigação. Foram analisadas as respostas dadas em entrevistas semi-estruturadas, por alunos (9 - 15 anos de idade) e professores (mediadores de leitura). Foram também elaborados mapas mentais, no sentido de procurar investigar interacções entre os leitores e os ambientes de leituras de leituras propostos.

Procurou-se, enfim, encontrar um fio condutor nas possíveis correlações entre os espaços de leitura da escola, a percepção que os actores em questão têm dos mesmos, as suas representações, sensações de bem-estar, agradabilidade e motivação.

1. Introdução. Espaços Escolares de Leitura – Uma abordagem.

O espaço de leitura continua a ser um desconhecido em múltiplos aspectos, na forma como é percebido pelos seus destinatários, como é utilizado, habitado e sentido e na forma como interage com as consequências obtidas em contexto de ensino-aprendizagem.

A problemática do estudo do espaço integra duas vertentes específicas que se completam e constroem dialecticamente: o espaço físico e o espaço psicológico. Prendem-se com o conceito de espaço físico as noções relativas às condições mínimas de habitabilidade, bem como as normas que deverão estar presentes na concepção do mesmo e os próprios critérios arquitectónicos que presidem à sua criação. Nesta linha caberá aqui questionarmo-nos acerca da concepção de espaços diferenciados que integrem a própria noção de território, analisando igualmente a oposição entre espaços atractivos e repulsivos que convidem os seus habitantes a neles entrar e permanecer com maior ou menor grau de bem-estar e conforto.

No âmbito específico do espaço físico salientam-se factores diversos que, combinados entre si, geram uma multiplicidade de ambientes criadores e potenciadores de diferentes níveis de motivação. Assim, os jogos de luz e sombra, e utilização da cor, dos diferentes materiais, a forma dos edifícios, o arranjo dos acessos, o tratamento da acústica, são factores que convergem para a construção de um espaço que poderá ser, ou não, um bom espaço para estar e, neste caso em particular, um bom espaço para ler.

Este trabalho sugere um enfoque interdisciplinar considerando aspectos pedagógicos e organizacionais, suas particularidades e dinâmicas próprias.

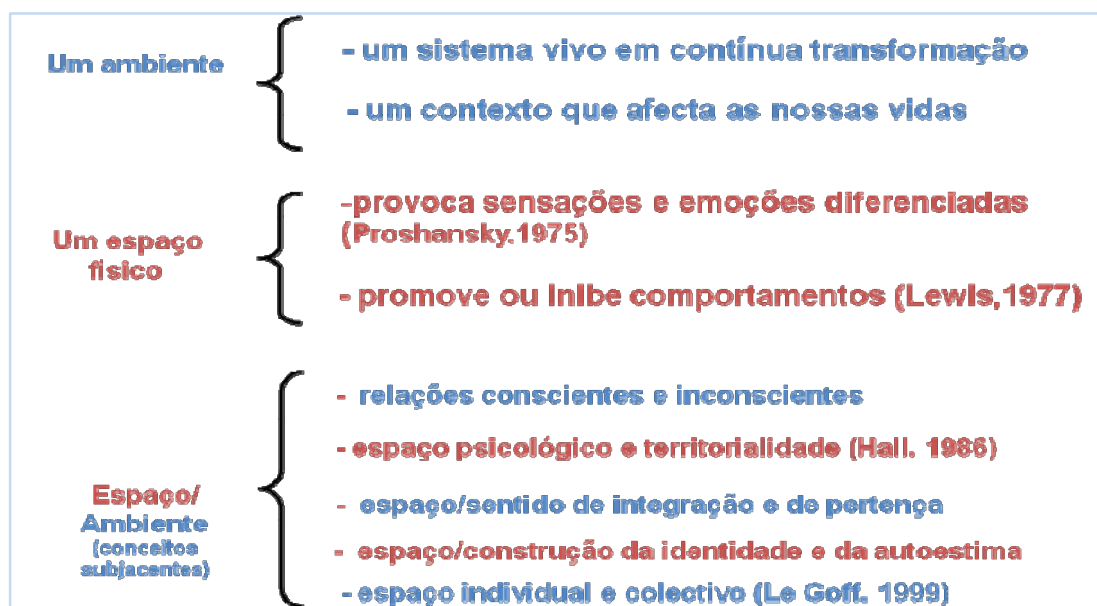


Fig. 1- Ambientes e Espaços - Conceitos subjacentes.

O modo como um espaço físico de leitura é percebido depende da idade de cada indivíduo. O entendimento psicológico do próprio espaço no que se refere à noção de escala – medida do mundo circundante - assenta nas próprias características dos nossos receptores visuais.

A percepção que a criança tem do mundo ao seu redor é um verdadeiro passaporte para os primeiros patamares da aprendizagem e para as primeiras representações plenas de significado e conotação. Poderemos compreender o peso de que se revestem, para a criança, determinados aspectos, extremamente ricos para o seu campo sensorial e perceptivo, ajudando-a a olhar o mundo que a rodeia de uma ou outra forma.



Fig. 2- Espaços Escolares de Leitura.

A função lúdica dos diferentes espaços de leitura: salas, corredores, pátios; o jogo da luz, a musicalidade dos sons, dos silêncios, das ressonâncias e dos ecos, a cadência e o ritmo dos passos nesses espaços, os sussurros de quem acaba de descobrir algo de maravilhoso, são dados que alterarão o cenário em que a apetência pela leitura se poderá formar. O espaço de leitura encerra em si mesmo um universo passível de despertar a sensibilidade do jovem leitor, motivando-o para o próprio processo da leitura o que facilitará transversalmente, o caminho da aprendizagem.

Os diversos factores espaciais – lúdicos, gráficos, de musicalidade, de ritmo, de cadência – que o espaço de leitura oferece, desde muito cedo, a cada um de nós, fazem dele um campo privilegiado para o desenvolvimento da percepção do mundo, por meio de um apuramento do

campo sensorial da criança, campo esse que se encontra em profunda mutação e em constante desenvolvimento.

A consciência espacial vai mais longe que a discriminação perceptiva, quando resulta numa reflexão sobre as suas propriedades de envolvimento. Várias formas de consciência são necessárias para apreciar os jogos espaciais baseados em distâncias e territórios. Estas formas podem variar muito de indivíduo para indivíduo, de acordo com universos socioculturais diferenciados. Brincar com os espaços é um prazer lúdico muito apreciado pelas crianças e adolescentes e quantas vezes esquecidos pelos mais crescidos. Ver é, em primeiro lugar, um processo de exploração do desconhecido, uma viagem interminável. Ver, habitar e sentir um determinado espaço de leitura implica e permite o alargamento dos horizontes de cada indivíduo, a estimulação da sua criatividade, do seu autoconhecimento e do conhecimento dos outros, o aprofundamento de todo um mundo de saberes, a hipótese de penetração num mundo espacial e afectivo diferenciado, a dilatação da capacidade de interpretação e de crítica, assim como uma maior elasticidade de articulação das ideias.

O tema do trabalho que se apresenta nasceu da vontade de perceber, até que ponto, espaço e indivíduo interagem, individualmente e no seio de um grupo, tendo por farol a motivação para a leitura.

Partindo da pesquisa desenvolvida num âmbito de Mestrado centrado na análise dos espaços escolares de aprendizagem – concepção, percepção e motivação - e, encontrando-me actualmente a trabalhar ao nível da promoção da leitura, em estreita articulação com a Biblioteca Escolar do meu Agrupamento de Escolas e o programa emanado do Plano Nacional de Leitura, o presente projecto propõe-se explorar mais aprofundadamente este campo, de acordo com uma temática que repousa nas seguintes expressões-chave: *A Escola e os Ambientes de Leitura; Mensagens, Códigos e Valores; Leitura dos Espaços; Tempos e Espaços de Leitura; Percepção, Emoção e Motivação no Contexto Físico dos Espaços Escolares.*

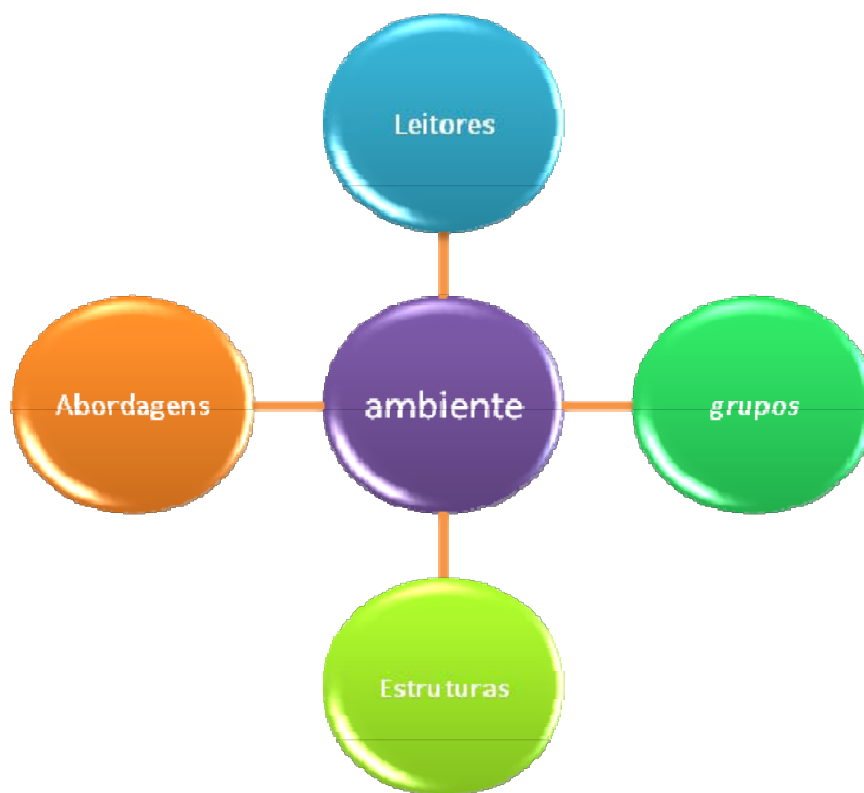


Fig. 3 - Relações dos grupos, estruturas, indivíduos e tarefas num determinado ambiente de leitura.

Está envolvida nestas questões, a natureza da linguagem no seu aspecto espacial e gráfico e os diferentes níveis de elaboração mental, assim como os respectivos processos que, a nível do sujeito, intervêm na transformação de estímulos sonoros ou visuais em representações e, posteriormente, em informação¹.

Viver e perceber um espaço é um processo rico em todas as suas complexidades e que importa conhecer de forma a entender todos os factores que contribuem para uma vivência agradável e para uma percepção positiva.

Tendo por cenário um espaço de leitura, no qual o processo de ensino-aprendizagem ocorre, a cada criança caberá um modo de percepção diferenciado. Para uma criança, a representação do espaço de leitura reveste-se de uma dimensão diversa da que é a realidade para um adulto e, tanto mais que essa representação sofre alterações de acordo com a idade da criança, a sua evolução mental e física e as suas características particulares.

A percepção que o aluno tem desse mesmo ambiente de leitura e clima é fundamental para que possa gozá-lo convenientemente e para que esse sentimento de bem-estar se reflita na sua vida pessoal e académica.

O próprio espaço de leitura – físico e afectivo – da sala de aula é também muito importante na medida em que é nesse mesmo espaço de leitura que a criança passa muitas horas do seu dia e da sua vida. Assim, um espaço destinado à aprendizagem deve ser espaçoso, não sobrelotado, permitindo a cada aluno (e também ao professor) a comodidade e o conforto de um pequeno espaço de leitura pessoal em que ninguém mais entre. Esse “território” deve ser respeitado por todos e, em primeiro lugar, pelo próprio sistema de ensino, o qual deverá providenciar a forma (ou a fórmula) que permita a sua existência².

Os grupos que se movem nos espaços escolares de leitura, com todas as suas dinâmicas, transformam-no também, num mosaico de ambiências que devem ser conhecidas de todos quantos lidam com o fenómeno escolar. As diferentes formas de se ser e de se estar num determinado sítio e num determinado tempo, formam assim parte de uma mesma planta que deve enraizar em terra firme e fértil.

Tentando analisar a influência de algumas variáveis pessoais e contextuais sobre este fenómeno, poderíamos assim confrontar o gosto e a apetência pela leitura, com variáveis espaciais, tais como: os espaços, ambientes e tempos escolares de leitura; a percepção e a motivação no contexto físico da aula e da biblioteca escolar, entre outros relativos à organização e mediação da leitura e dos grupos no contexto escolar e social em que o acto de ler se promove.

O enquadramento teórico que privilegiámos, foi o de uma abordagem interactiva, para a qual concorrem diferentes contributos teóricos que enquadram as representações sobre o papel da leitura e do seu ensino, os valores filosóficos e arquitectónicos que presidem à concepção dos espaços de leitura e as dinâmicas de grupo.

Influência, motivação, reflexão, emoção, tempo, espaço, trabalho, são algumas das palavras-chave de um tema que remete para múltiplas questões. Para quem estão orientados realmente os espaços escolares de leitura? A que necessidades e motivações assistem? Que sentimentos provocam? Conceitos como *Dimensão, Densidade, Tempo, Tensão, Escala, Ergonomia e Estética*, são factores fundamentais na descodificação da problemática do espaço de leitura e da sua interacção com os actores em confronto, numa análise transversal que, cruzando o espaço físico e o espaço psicológico, geram uma multiplicidade de ambientes criadores e potenciadores de diferentes níveis de motivação.



Fig. 4 - Dimensões inerentes aos Espaços de Leitura

2. Objectivos da Investigação e Metodologia.

A linha de pesquisa que se seguiu tem, por principais objectivos: analisar a forma como se percebem os espaços escolares de leitura, observando a influência destes no comportamento escolar dos jovens; estudar os diferentes espaços de leitura enquanto espaços de interacção cultural e humana; observar estes espaços enquanto núcleos de rastreio de problemas emocionais nos jovens alunos e, finalmente, perceber a emergência de novos hábitos de vivência cultural do próprio espaço de escolar de leitura, contam-se entre os principais objectivos desta análise.

Pretendemos compreender o que sente um aluno na biblioteca escolar; onde se dirige para ler? Para onde olha? O que percebe? Que vontade tem? Quanto tempo fica? Entre tantas outras questões que nos têm vindo a ocupar. Que percebe o leitor perante um livro num ambiente que sente como positivo ou negativo? E as especificidades da leitura? Existirão nos contextos escolares espaços destinados à leitura que respeitem as individualidades de cada um?

A partir desta problemática elaborou-se uma estratégia de investigação qualitativa por entrevistas.

Visando analisar a relação entre a percepção que alunos e seus mediadores de leitura possuem acerca dos espaços escolares e os sentimentos de motivação e consecução experienciados,

compararam-se as respostas dadas por alunos e professores (seus mediadores de leitura) de diferentes escolas do ensino básico, ao longo de vários anos, num crescendo etário compreendido, sensivelmente, entre os 6 e os 15 anos de idade. A pesquisa contou ainda com uma prévia abordagem consagrada à observação participante, tendo assimilado pontualmente o contributo de mapas mentais, no sentido de procurar investigar algumas interações entre os leitores e os ambientes de leituras propostos.

De acordo com os objectivos definidos inicialmente, pretendemos conhecer e compreender uma realidade organizacional, optando pela linha de pesquisa referida, por acreditar que este método proporciona o conhecimento da realidade social através dos significados dos próprios sujeitos da pesquisa, permitindo analisar os aspectos implícitos ao desenvolvimento das práticas organizacionais.

Com base num procedimento indutivo, partindo da observação do terreno, abrindo diversas pistas de investigação, iniciando o trabalho com uma pesquisa exploratória e, tentando aprofundar os diversos factores que envolvem o fenómeno objecto do nosso estudo, procurou-se articular as hipóteses formuladas com os conhecimentos anteriores, procedendo-se continuamente aos necessários ajustes, remodelações e avaliações ao longo da investigação.

As escolas estudadas foram analisadas por meio de entrevistas semidirectivas realizadas junto dos alunos e dos seus mediadores de leitura, incidindo estas entrevistas sobre as características dos espaços escolares de leitura, sua percepção, as actividades nele desempenhadas, as relações humanas nele experienciadas, as emoções sentidas e a motivação experimentada. Os dados obtidos através destas entrevistas foram ainda complementados através do recurso a pequenas fichas auxiliares de recolha de dados. No que se prende com os critérios de selecção dos entrevistados e atendendo ao facto de se tratar de um estudo qualitativo, houve a preocupação de seleccionar os entrevistados de uma forma o mais natural possível, atendendo, sobretudo à vontade manifestada pelos mesmos em participar do presente estudo, tentando conseguir-se uma equidade entre sexos.

Em todas as escolas foram consideradas as suas formas de organização espacial, de modo a perceber que espaços são destinados a cada grupo da comunidade escolar e até que ponto a sua individualidade é respeitada. Foi ainda analisada a forma como os alunos e os seus professores percebem o espaço escolar de leitura e como essa percepção condiciona a sua motivação.

Foram recolhidos dados, relativamente à caracterização da população analisada referentes ao número total de alunos e de professores mediadores de leitura das escolas em análise, capacidade máxima de alunos das referidas escolas, as suas idades (máxima e mínima), número total de adultos nas escolas e rácio adulto mediador de leitura/ aluno, número total de

professores, funcionários e pais/encarregados de educação nas escolas e total de adultos e de entrevistados em todas as escolas.

As entrevistas referidas pretendem, fundamentalmente, tentar analisar até que ponto as condições e características dum espaço escolar de leitura e a percepção de bem-estar que os indivíduos dela possuem, influenciam os sentimentos de motivação para a mesma leitura e perceber factores que promovam a motivação dos indivíduos relativamente a estes espaços.

3. *Descrição e Análise dos Resultados*

Os dados obtidos revelam-nos que as características dos espaços de leitura são muito importantes para os entrevistados. Indo ao encontro do que afirma Greenman, autor que salienta o factor estético e os diversos aspectos da atracção estética dos espaços educativos como essenciais para o desenvolvimento da criança e para a futura importância da beleza nas suas vidas³, destacam-se nestas entrevistas como essenciais: *a iluminação, a arte, os elementos gráficos e diferentes texturas; a importância das entradas, corredores e diversidade espacial, o conforto, a segurança, a suavidade, a saúde, a privacidade, a ordem e a estruturação do espaço de leitura; a atenção particular nos espaços interiores relativamente: às paredes, janelas, portas e iluminação; e, relativamente aos cuidados com as crianças.*

Com os resultados obtidos, até à data⁴, apuramos que os adultos e alunos de ambos os sexos, apreciam espaços de leitura amplos, limpos e bem cuidados, surgindo o factor da iluminação como um dos factores mais importantes para os adultos. A cor e os materiais destacam-se como elementos de realce para os alunos. O espaço da biblioteca escolar surge como um espaço alternativo de refúgio para adultos e alunos, sendo a preocupação com a acústica comum aos alunos e aos seus mediadores de leitura. A maioria dos entrevistados considerou os espaços de leitura como muito importantes e motivadores para o seu bem-estar e desempenho académico.



Fig. 5 - Factores físicos em destaque na análise de um espaço de leitura.

Da análise realizada, pudemos concluir que existem espaços de leitura que são preferidos e idealizados pelos leitores em contexto escolar, podendo o espaço físico de leitura, desempenhar uma função integradora dos alunos com maiores dificuldades de socialização.

4. Conclusões

Da análise realizada às escolas em estudo, pudemos constatar que todas apresentavam pontos constantes de acordo relativamente às opiniões dos alunos e adultos, obtidas em entrevista acerca dos espaços escolares de leitura. Desta forma, de um modo geral, os entrevistados referiram apreciar espaços amplos, iluminados e, esteticamente bem conseguidos. Do ponto de vista mais prático e concreto, os entrevistados referiram a falta de alguns *itens* de mobiliário capazes de conferir conforto e um sentido de bem-estar ao ambiente de leitura interior dos edifícios.

Ao nível dos espaços exteriores, notou-se a ausência de variados equipamentos que surgem citados e referidos como pedagogicamente vantajosos em diferentes estudos. Falamos, por exemplo, de bancos com sombras e mesas, bem como a falta de pátios cobertos e de zonas diferenciadas no recreio para actividades de maior recolhimento.

O espaço de leitura interior surge mais beneficiado, embora também aqui, o aspecto lúdico e de congregação da comunidade dificilmente se encontre contemplado de uma forma desejável. O

barulho nos corredores e no refeitório e o reflexo do sol sobre o quadro nas salas de aula, constituem outras queixas recorrentes nas escolas analisadas. Uma das referências mais sentidas, pelos alunos, terá sido, porventura, o sentimento do espaço de leitura enquanto espaço de refúgio.

Compreender o espaço de leitura passa por ser capaz de avaliar e interpretar o que nos rodeia, julgar, tomar uma posição consciente e responsável acerca do que se pensa e crê. Cada atitude e comportamento situam-se histórica e socialmente num determinado espaço e contexto e a sua actualização exige uma ética.

Compreendemos ainda que a vivência do espaço escolar de leitura é também social, conduzindo a complexas redes de significações que importa analisar. A escola não pode garantir uma vivência positiva do espaço de leitura fora do seu contexto espacial muito próprio, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social.

A concepção de um espaço escolar de leitura deverá ter também em consideração o acolhimento físico e psicológico dos seus utilizadores⁵. O projecto de um estabelecimento de ensino deverá contribuir para o próprio processo educativo, motivando a aprendizagem e a criatividade, promovendo o desenvolvimento da personalidade, da sensibilidade e da afectividade dos alunos, sendo para isso fundamental que o conjunto construído forme um todo homogéneo e harmonioso, devidamente tratado e enquadrado.

Se atendermos aos facto de que os espaços e ambientes de leitura podem ser factores de motivação para a mesma, deveremos ter em linha de conta todos os elementos físicos e de carácter psicológico, ergonómico e de segurança e conforto que um espaço físico pode fornecer aos indivíduos que dele usufruem. Um espaço de leitura que motive e cativa os mais jovens e os enlace de uma forma positiva e criativa, durante grande parte do seu dia, é algo a valorizar, a defender e a melhorar em cada dia que passa.

¹ Cf. Sousa, Óscar C. (1999). *Competências Ortográficas e Competências Linguísticas*, Lisboa: ISPA, p. 37.

² Cf. Hall, E. (1969). *The Hidden Dimension*. Garden City, NY: Doubleday. p.63 e Hall, Edward T. (1986). *A Dimensão Oculta*, Lisboa: Relógio d'Água Editores, p.19.

³ Cf. Greenman, Jim (1988). *Ibidem*, p.64.

⁴ O estudo apresentado faz parte de uma investigação paralela à do meu percurso a nível de Doutoramento, sendo-lhe complementar a nível de pesquisa.

⁵ Já Lacaze (1999) destaca a importância do entendimento do modo de vida das populações na concepção dos espaços, para que se possa processar uma saudável apropriação dos mesmos pelos seus destinatários. Cf. Lacaze, Jean-Paul (1999). *A Cidade e o Urbanismo*, Lisboa: Instituto Piaget, pp. 22-29.

5. Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (1987). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (3rd ed., rev.) (DSM-III-R). Washington, DC: APA.
- Barkley, R. (1981). *Hyperactive children*. New York: Guilford.
- Bautista, Rafael (Coord.), (1997), *Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa, Dinalivro, Col. Saber Mais.
- Bethesda, MD: S. W. Morris. (1992). *What adolescents want and need from out-of-school programs: A focus group report*. (ED 358 180)
- Billett, S.,(1997). "What's in a Setting? Learning in the Workplace." *Australian Journal of Adult And Community Education* 33, no. 1 (April 1993): (EJ 464 971), Cit.in Kerka, Sandra (1997) . *Constructivism, Workplace Learning, and Vocational Education*. ERIC Digest No. 181, ERIC Identifier: ED407573, ERIC Clearinghouse on Adult Career and Vocational Education Columbus OH.
- Blatchford,P. & Sharp,S. (1994) *Breaktime and the School: understanding and changing playground behaviour*. School Leadership Preparation Program, Training and Development Directorate, LT 05, The playground as an important learning area, LT05 The playground as an important learning area 3, School Leadership Strategy, The playground as an important learning area.
- Canter, L., & Canter, M. (1982). *Assertive discipline for parents*. Santa Monica, CA: Canter & Associates.
- Christopher, G. (1988). *The aesthetic environment and student learning*. School Business Affairs, 54(1).
- Coffee, Stephen R. (1999), *The Schoolyard: Not Just for Recess Anymore*, Turning outdoor spaces into extended science classrooms takes planning, Peter Li Education Group. http://www.spmmag.com/articles/1999_03_March/article0185.html.
- Fachada, M^a Odete, (1991), *Psicologia das Relações Interpessoais*, Lisboa: Edições Rumo.
- Farmer, J. A., Jr.; Buckmaster, A; and LeGrand, B.(1992). "Cognitive Apprenticeship." *New Directions in Adult and Continuing Education*" no.55 (Fall 1992), (EJ 456 732), Cit.in Kerka, Sandra (1997). *Constructivism, Workplace Learning, and Vocational Education*. ERIC Digest No. 181, ERIC Identifier: ED407573, ERIC Clearinghouse on Adult Career and Vocational Education Columbus OH.
- Ferreira, J.M. e outros (1998). *Psicossociologia das Organizações*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Gauldie, Sinclair (1969). *Architecture: The Application of the Arts*. London: Oxford University Press.
- Gentry, Kathy J. (2000). *The Relationship Between School Size and Academic Achievement in Georgia's Public High Schools* (Under the Direction of Dr. C. Kenneth Tanner), Department of Educational Leadership, University of Georgia. In. <http://www.coe.uga.edu/sdpl/researchabstracts/gentry2000.html>.

- Gleitman, Henry, (1999). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomez Raymond (1999), *Designing the Classroom of the Future*, Copyright 1999 by Peter Li Education Group. All rights reserved., *Raymond Gomez, AIA, é o presidente, Arquitetos de RGA e Planejadores, York, N.Y Novo*, http://www.spmmag.com/articles/1999_05May/article0200.html
- Greenman, Jim (1988). *Caring Spaces, Learning Places: Children's Environments That Work*, Exchange Press, Redmond, WA.
- Hall, Edward T. (1969). *The Hidden Dimension*. Garden City, NY: Doubleday.
- Hall, Edward T. (1986). *A Dimensão Oculta*, Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Hathaway, W.E. (1988). *Educational facilities: Neutral with respect to learning and human performance*. *CEFPI Journal*, 26(4).
- Hunt, D. & Sullivan, E. (1974). *Between Psychology and Education*. New York: Dryden. Cit.in
- Sprinthall, Norman e outro, *Psicologia Educacional*, McGrawHill, 1993.
- Johnson, S. D., and Thomas, R. G., (1994). "Implications of Cognitive Science for Instructional Design in Technology Education." *JOURNAL OF TECHNOLOGY STUDIES* 20, no. 1 (Winter-Spring 1994), (EJ 494 218), Cit.in Kerka, Sandra (1997) . *Constructivism, Workplace Learning, and Vocational Education*. *ERIC Digest No. 181*, ERIC Identifier: ED407573, ERIC Clearinghouse on Adult Career and Vocational Education Columbus OH.
- Klauke, Amy (1988). *Repairing and Renovating Aging School Facilities*, ERIC Clearinghouse on Educational Management Eugene OR, ED301967ERIC Digest Series Number EA28. ,
- Lacaze, Jean-Paul (1999). *A Cidade e o Urbanismo*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Friedman, R. (1987). *Attention deficit disorder and hyperactivity*. Danville, IL: Interstate Printers and Publishers.
- LeGoff, Jacques (1999). *Por Amor das Cidades*, Lisboa, Editorial Teorema.
- Lewis, F.E. (1977). *The influence of open-space classrooms and closed- space classrooms on teachers' attitudes toward the school building*. Unpublished doctoral dissertation, The University of Georgia, Athens, Cit. in <http://www.coe.uga.edu/sdpl/researchabstracts/behavior.html>(por Elizabeth Jago e Ken Tanner).
- Maslow, A.H. & Mintz, N.L. (1956). *Effects of aesthetic surroundings: Initial effects of three aesthetic conditions upon perceiving, "energy", and "well-being" in faces*. *Journal of Psychology*, 41.
- McDonnell, Lorraine M. (1989). *Restructuring American Schools: The Promise and the Pitfalls*, : ERIC Clearinghouse on Urban Education New York NY. , ED314546, ERIC/CUE Digest.

Ministério da Educação, Direcção Geral de Administração Escolar, (1993), *Escola Básica Integrada EB1,2,3/JI-Programa de Espaços*, Lisboa: Departamento de Equipamentos Educativos, Divisão de Estudos de Instalações.

Mrech, Leny Magalhães (s.d.). *O uso de brinquedos e jogos na intervenção psicopedagógica de crianças com necessidades especiais.*, in <http://www.regra.net/>.

O'Brien, M. (1986). *Attention deficit disorder with hyperactivity: A review. Journal of Special Education*, 20(3).

Parker, H. (1988). *The ADD hyperactivity workbook for parents, teachers, and kids*. Plantation, FL: Impact Publications.

Phillips, R.W. (1997). *Educational facility and the academic achievement and attendance of upper elementary school students*. Unpublished doctoral dissertation, University of Georgia, Athens. Cit.in <http://www.coe.uga.edu/sdpl/researchabstracts/behavior.html> (por Elizabeth Jago e Ken Tanner).

Powell, M. C.(1994). "On Creativity and Social Change." *JOURNAL OF CREATIVE BEHAVIOR* 28, no. 1(EJ 481 438)

Prescott, Elizabeth, (1979). "The Physical Environment - A Powerful Regulator of Experience," *Child Care Information Exchange*, April, 1979.

Proshansky, H.M. (1975). *Environmental psychology: Man and his setting*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, Inc.

Ramsey, P. G. (1991). *Making Friends in School*. New York: Teachers College Press.

Reston VA. (1989). *Teaching Children with Attention Deficit Disorder*, ERIC Identifier: ED313868, ERIC Digest #462.

Sampaio, Daniel (1996). *Voltei à Escola*, Lisboa: Caminho, Col. Nosso Mundo.

Schwartz, Wendy (1996). *After-School Programs for Urban Youth.*: ED402370, ERIC Clearinghouse on Urban Education New York NY., ERIC/CUE Digest.

Sousa, Óscar C. (1999). *Competências Ortográficas e Competências Linguísticas*, Lisboa: ISPA.

Sprinthall, Norman e outro , *Psicologia Educacional* , McGrawHill , 1993.

Taylor, A. & Gousie, G. (1988). *The ecology of learning environments for children*. CEFPI Journal, 26(4).

Wender, P. (1987). *The hyperactive child, adolescent and adult*. New York: Oxford University Press.

Internet

<http://classrooms.com/index.html>

<http://www.learningspace.org:88/>

<http://www.salvatorianos.org.br/desafio/edicao86/jovens.htm>

<http://www.ehhi.org/12steps.html>

<http://www.esec-emidio-navarro-alm.rcts.pt/espacos.html>

<http://www.coe.uga.edu/sdpl/sdpl12.html>

<http://www.designshare.com/Research/TannerES/DASE1.htm>

<http://www.designshare.com/Research/TannerES/DASE2.htm>

<http://www.designshare.com/Research/TannerES/DASE3.htm>

<http://www.designshare.com/Research/TannerES/DASE4.htm>

<http://www.designshare.com/Research/Schank/Schank1.html>

www.schoolconstructionnews.com

http://www.designshare.com/Awards/Awards2000_Commentary.htm

<http://www.designshare.com/Research/EdDesignsGRoup/Rosen1.htm>

http://www.designshare.com/Research/Fanning_Howey/ProgramFactors.htm

<http://www.designshare.com/Research/EEK/Ehrenkrantz1.htm>

<http://www.designshare.com/MiddleSchoolLibrary/MSFriendly/MSFriendly2prog.htm>

[http://www.context.org\(ICLIB/IC18/Taylor.htm](http://www.context.org(ICLIB/IC18/Taylor.htm)

[http://www.context.org\(ICLIB/IC18/McClure.htm](http://www.context.org(ICLIB/IC18/McClure.htm)

<http://www.edi.msstate.edu/prepsintro.html>

<http://www.djc.com/special/design95/10002598.html>

<http://www.coe.uga.edu/sdpl/researchabstracts/gentry2000.html>